

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL

Murilo Pedreira Souza

ESCREVIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E AFRO-LETRAMENTO: significâncias da
literatura infantil afro-brasileira

ITUIUTABA, MG
2022

Murilo Pedreira Souza

ESCREVIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E AFRO LETRAMENTO: significâncias da literatura infantil afro-brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do título de graduado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Doutora Simone Aparecida dos Passos.

ITUIUTABA, MG
2022

Murilo Pedreira Souza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do título de graduado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Doutora Simone Aparecida dos Passos.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a: Dr^a Simone Aparecida dos Passos (orientadora)

Prof^a: Dr^a Luciane Ribeiro Dias Gonçalves

Prof^a: Dr^a Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

*Devo tudo isso e faço tudo isso pelo meu povo! Aos meus ancestrais!
Dedico este trabalho a minha mãe e a todas as mulheres e homens negros que não puderam estudar, apesar de quererem muito. Eu pude e posso continuar estudando por mim e por eles, sob os olhares e esforços de todos e todas que vieram antes de mim.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais, por me permitirem chegar até aqui.

A minha mãe Lucinete, que me deu à luz, criou, amou, cuidou. Mãe, eu te amo, e tá tudo bem, deu certo. Minha irmã Érica, minha princesa, eu te amo, linda. Meu irmão Emerson, te amo, cara, cê sabe que é nós! Meu avô Adelino e minha avó Antônia por terem cuidado de mim quando minha mãe não pôde. Minha avó Madalena, por sempre lembrar de mim com carinho.

A Simone Passos (orientadora/segunda mãe), não tenho palavras para agradecer, obrigado por me acolher, por ser minha segunda mãe, pelas ajudas, pela preocupação, por topas todas as ideias e projetos, por me incentivar. Sem dúvidas, você é uma das minhas maiores referências na docência, como mulher, mãe e pessoa negra!

A Cida Satto, minha terceira mãe, se puder te agradecer mil vezes, mil vezes te agradecerei. Obrigado por tudo, por ouvir meus desabafos, pelas ajudas extremamente necessárias, pela confiança, obrigado, obrigado, obrigado! A Luciane, obrigado por você ter iniciado o processo na universidade, para que pudesse estar falando sobre essa temática hoje, devemos isso a ti.

Ao meu amigo e parceiro de vida, Leonardo Borges, por ter estado comigo, me apoiando durante essa caminhada na universidade e por ter ficado na minha vida, além de sua mãe Eurípedes, seu pai José Divino e sua avó Tereza, que foram a minha segunda família.

Ao irmão de coração, mais velho, Flávio Barros, sou grato aos ancestrais que possibilitaram o nosso (re)encontro, obrigado por me lembrar que *não somos somente dor, também somos potências* e por me mostrar que VIVER é possível, te amo, preto!

A minha irmã de coração, mais velha, Verônica Pinheiro, por ter me possibilitado conhecer uma vida que nem sabia que existia dentro de mim. Ao Christian, obrigado nego, por me receber em sua vida, pelas nossas conversas, por aprender tanto contigo, te amo.

A Juliana Nascimento, minha amiga, preta e psicóloga de Niterói, te amo preta, nosso (re)encontro estava escrito, foi uma demanda dos ancestrais, obrigado por me apresentar a Neusa Santos Souza, mudou a minha trajetória! Obrigado ao meu maninho, Elionaldo, irmão, você sabe que eu te amo muito, não tenho como descrever a nossa parceria, meu amigo pra vida toda, talvez eu fique rico antes de você, hein... quem diria!

A Elissandra Pereira, por me encontrar na minha jornada pela negritude, por ter arado a terra para que eu pudesse trilhar. Às amigas Aline Peixinho, Jaqueline Lima, Letícia Calixto, Nádila Ferreira, Olymata Ndiaye, obrigado por serem minhas irmãs na universidade, por todo

apoio que me deram, parte de mim vem de vocês. Ao Wesley Alexander, te amo, obrigado por me acolher quando eu precisei, obrigado pela sensibilidade. Ao Lucas Guzzo, por me mostrar que é possível aprender sobre consciência racial rindo, não sei ao certo como te encontrei, mas sei que não quero largar jamais.

Ao PET Saúde, Cultura e Saberes, em especial a professora Juliana Povh. Juh, obrigado pela generosidade, você é uma inspiração de mulher, mãe, professora, de ser humano! Sou grato por me apoiar quando eu precisei, por estar sempre disposta a nos escutar, por compartilhar sua vida conosco, por sorrir, chorar, por existir!

Ao meu Psicólogo Thiago, por ser o mediador na minha jornada de busca por mim mesmo. Obrigado nego, aprendi e aprendo muito contigo! Ao meu cabeleireiro Elder, por se negar a cortar o meu cabelo! (essa poucos vão entender).

A Mical Marcelino, obrigado pelos incentivos, pelo apoio e por ser uma aliada na nossa luta na universidade. A Vânia, sou grato pela ajuda, apoio de sempre. A Gláucia Signorelli, obrigado por me fazer ficar ainda mais apaixonado pelo curso, e em especial por me mostrar os encantos que possui a Educação Infantil. Aos/as professores/as Márcia Bernardes, Lúcia Helena Medeiros, Sauloéber de Souza, Mauro Vieira, Karina Klinke, Bruno Gonzaga, Mário Borges Netto.

Amigos/as; professores/as e servidores/as do IFSP, em especial ao Leonardo Sacramento, por me inspirar a seguir no magistério e ser a referência de homem negro, professor, pedagogo e militante que eu respeito tanto; Reinaldo Tronto, pelo amor que tem pela docência e por apaixonar a todos com esse amor, o homem que dá aulas com brilho nos olhos; Marília Pinheiro, obrigado pelo apoio todas as vezes que precisei, por me abrir as portas da sua casa a mim; Jefferson Nascimento, obrigado pela ajuda quando precisei, por me inspirar enquanto professor.

Renato Dias, o assistente de alunos, que na verdade virou amigo, obrigado pelo carinho e ajuda; Nathalia Gomes, obrigado por ser a profissional incrível que é. Lívia Moraes, a professora substituta que virou titular em nossos corações, obrigado por nos dar esperança em suas aulas. Lívia Lovato Extensão, obrigado por apoiar meus projetos malucos. Gisele Machado, obrigado pelas conversas, trocas, ajudas na minha matrícula na UFU. Karina Leite, nunca esqueci o dia que ajudou eu e o Elionaldo a ir ao cinema. Adriane Kock, obrigado pelas toalhas, pelo carinho, por tudo. Luciana Boldrin, obrigado pelos tapetes, guardo eles até hoje, com carinho.

Ao Davi Nunes, escritor do livro Bucala.

Aos amigos/irmãos da Rede Oborós, em especial, Alan Santos, Isaac Andrade, Hamilton Silva, Antônio Vitor, Higor Camargo, Alexandre Ribeiro, Lucas França, Emanuel Lucas, Ismael Barreto, Miguel Camay, obrigado pelas trocas, negos. Aos/as irmãos/as do grupo de leitura quariterê, em especial a Andressa Antunes, Fabiana Lemos, Elisangela Alves, Leticia Costa, Talita Lima. Aos amigos do Comenta Web / Chico Barney Urgente, por me possibilitarem risadas quando o cenário pandêmico dificultava o riso. Aos lindos e gostosos do Blackness, por me possibilitarem entender que eu sou um corpo bonito. Aos/às debochados/as do Quilomboche, em especial, Sheila Teofillo e Antônio Marcos, obrigado pelos aprendizados, parte da minha jornada se (re)construiu com vocês, que loucura!

À Família Mora, obrigado, Iara Mora, Iamara Mora e Juliano Mora, pelo apoio lá no início dessa jornada. Família Faleiros, minha amiga Stefani, sua mãe Izabel (Dona Bel) e pai senhor Jonathan Faleiros, obrigado pelo acolhimento, tantas vezes. Família do meu amigo João Vitor, obrigado Jão, sua mãe, irmão e pai por pelo acolhimento. Família da minha amiga Mariane. Família da minha amiga Pamela, desde a época do Ensino Fundamental. Família do Leandro Sobral, obrigado Dona Neide, Débora.

Aos amigos Emanuelle Comim, Lorena Gaspar, Bruno Rossanês, Lucas Pavan, Murilo Soave, Vinícius Vidal, Hugo Cesar, Gabriel Prezoto, Isadora Gimenes, João Felipe e Diana Coutinho.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) é um artigo que apresenta algumas reflexões sobre a literatura infantil afro-brasileira como instrumento para o afro-letramento. Esta reflexão se inicia na vivência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Logo, a escrevivência (EVARISTO, 2020) busca romper com uma narrativa e fundamentação dominante, isto se torna uma perspectiva metodológica. Há a construção de uma disputa de narrativa, subjetiva e epistemológica baseada na análise de um corpo negro, neste caso, de um homem preto, sobre uma existência negra e sua busca por se fazer pedagogo. Neste contexto, buscamos responder à pergunta, em que medida a obra Bucala atende ao proposto na Lei 10.639/03. O objetivo geral foi refletir sobre a supracitada lei, apresentando perspectivas para a educação para as relações étnico-raciais, a significância da literatura infantil afro-brasileira e o afro-letramento pela análise da obra Bucala de Davi Nunes (2019) e sua relação com os valores civilizatórios africanos na representação da história do Quilombo do Cabula. Para construção da interpretação do disposto que está vinculado à memória (PAZ, 2019), estamos à luz de Evaristo (2017; 2020), Debus (2017), Gomes (2013), Munanga (2012), Nascimento (2019), Fanon (2008) e Flor do Nascimento (2019). Nesta ótica, a contextualização da obra de literatura infantil afro-brasileira faz parte da história e memória dos afro-brasileiros, sujeitos da diáspora em uma (re) construção de uma história que valorize e contemple as crianças negras e eduquem as não negras.

Palavras-chave: Escrevivência. Memória. Arte. Literatura infantil. Afro-letramento e Quilombo.

ABSTRACT

This course conclusion paper (TCC) is an article that presents some reflections on Afro-Brazilian children's literature as an instrument for Afro-literacy. This reflection begins with the experience of PIBID. Therefore, the writing-living (EVARISTO, 2020) seeks to break with a dominant narrative and foundation, this becomes a methodological perspective; there is the construction of a narrative, subjective and epistemological dispute based on the analysis of a black body, in this case, a black man, about a black existence and his quest to become an educator. In this context, we seek to answer the question of to what extent the Bucala work meets what is proposed in Law 10.639/03. The general objective was to reflect on the aforementioned law, presenting perspectives for education for ethnic-racial relations, the significance of Afro-Brazilian children's literature and Afro-literacy through the analysis of the work Bucala by Davi Nunes (2019) and its relationship with African civilizational values in the representation of the history of Quilombo do Cabula. For the construction of the interpretation of the provision that is linked to memory (PAZ, 2019), we are in the light of Evaristo (2017; 2020), Debus (2017), Gomes (2013), Munanga (2012), Nascimento (2019), Fanon (2008) and Flor do Nascimento (2019). In this perspective, contextualization of the work of Afro-Brazilian children's literature is part of the history and memory of Afro-Brazilians, subjects of the diaspora in a (re) construction of a history that values and contemplates black children and educates non-black children.

Keywords: Writing-living, Memory, Art, Children's literature, Afro-literacy, Quilombo.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Perspectivas da educação para as relações étnico-raciais: apontamentos sobre a Lei 10.639/03.....	14
Uma significância da literatura infantil afro-brasileira: noções de Afro-letramento.....	19
Uma representação do quilombo do Cabula na obra Bucala.....	23
Considerações Finais.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

Introdução

“Self-love is denied to black men, we are told: I should hate you” (O amor próprio é negado aos homens pretos, dizem-nos: eu devia detestar-te) (BEYONCÉ, 2020 **tradução nossa**).

Este trabalho de conclusão de curso trata de uma reflexão pautada na escrevivência (EVARISTO, 2017) e na memória (PAZ, 2019). É uma escrita que nasce das narrativas, que compartilhamos dentro de um coletivo. A experiência que vivenciamos no projeto de alfabetização, na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais no primeiro ano do curso de Pedagogia com alunos de uma escola periférica, a maioria sendo alunos pobre e negra, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), inicia essa discussão.

Neste Programa, marcaram-nos as teorias lidas de maneira mais aprofundada de autores negros, que não conhecíamos, como Nilma Lino Gomes (2013), Kabengele Munanga (2012), Rosa Margarida de Carvalho Rocha (2011), Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2008), Eliane dos Santos Cavalleiro (2012) dentre outros/as. Obtivemos um conhecimento maior sobre a relevância das leis 10.639/03 e 11.645/08 por meio das construções coletivas realizadas pela equipe do projeto, com as professoras coordenadoras, os/as discentes envolvidos/as e as demais professoras da escola.

A proposta do PIBID buscava em sua concepção o afro-letramento, este foi para nós, uma temática inédita na época. Na escola onde atuamos, houve um impacto significativo sobre as professoras, sobre a gestão escolar, sobre os/as licenciandos/as e principalmente nas crianças. O subprojeto da Pedagogia contava com 30 alunos integrantes, sendo que, trabalhamos com 5 turmas, do 1º ao 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo distribuídas 2 duplas de pibidianos/as por turma, com o total de 10 licenciandos em cada escola. Na escola em questão, as turmas tinham em média, 25 alunos por turma, com um total aproximado de 125 alunos atingidos diretamente pelo trabalho.

Acreditamos que as contribuições desse projeto para a licenciatura em Pedagogia, foram o aprofundamento dos estudos da temática étnico-racial e a possibilidade de, naquele momento, observar e inserir na dinâmica da escola e em nosso repertório, novas obras literárias a serem conhecidas. A partir disso, notamos a necessidade de um trabalho voltado para a literatura infantil afro-brasileira e ao desenvolvimento do letramento racial como possibilidade de intervenção na escola, isso considerando as “observações-participativas” realizadas na instituição que tivemos contato.

Assim, o nosso problema de trabalho surge a partir do diagnóstico de que a literatura infantil afro-brasileira nos revelou uma grande possibilidade de mediação de formação na infância e de atendimento à lei 10.639/03. Da forma que este trabalho de conclusão de curso se justifica e se fundamenta diante da obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, a ótica da discussão toma a literatura infantil afro-brasileira como material que também se ocupa disto, e tem um papel fundamental no acesso ao conhecimento da história do Brasil. Não desenvolvemos discussão acerca da lei 11.645/08, observada a nossa limitação de tempo e espaço, uma vez que a temática é ampla e com elementos próprios, mesmo que por vezes, se cruzem, pois juntá-las é reduzi-las.

Nesse sentido, a busca inicial deste trabalho foi responder à pergunta: em que medida a obra *Bucala* atende ao proposto na Lei 10.639/03? Um dos nossos critérios de escolha da obra foi a potencialidade da abordagem das questões referentes a valores civilizatórios africanos, que são incorporados nas manifestações afro-brasileiras, como ancestralidade, oralidade, ludicidade e cooperatividade. Esses valores são elementos fundamentais para que pensemos o *afro-letramento*, traduzido como uma tomada de consciência das crianças negras como pertencentes a algo maior que a herança colonialista e escravocrata.

Nessa direção, o objetivo geral da pesquisa foi refletir sobre a lei 10.639/03, apresentando perspectivas para a educação para as relações étnico-raciais, a significância da literatura infantil afro-brasileira, o afro-letramento pela análise da obra *Bucala* de Davi Nunes (ano) e sua relação com os valores civilizatórios africanos na representação da história do Quilombo do Cabula. Assim, os objetivos específicos foram: [1] apresentar perspectivas para a educação para as relações étnico-raciais na Lei 10.639/03; [2] relacionar a significância da literatura infantil afro-brasileira e o afro-letramento; e por fim, [3] analisar o livro *Bucala* e sua relação com os valores civilizatórios.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, bibliográfica e documental com caráter exploratório. Para a base bibliográfica, pela construção da interpretação do disposto que está vinculado à memória (PAZ, 2019), estamos à luz de Evaristo (2017; 2020), Debus (2017), Gomes (2013), Munanga (2012), Nascimento (2019), Fanon (2008) e Flor do Nascimento (2019).

Logo, a escrevivência que há neste trabalho busca romper com uma narrativa e fundamentação dominante. Isto afirmamos na perspectiva de Evaristo (2020) quando escreve sobre o que é para ela a escrita, e a nomeia, mesmo que o desejo não seja o de conceituar, isto se torna uma perspectiva metodológica. Há a construção de uma disputa de narrativa, uma disputa subjetiva, uma disputa epistemológica baseada na análise de um corpo negro, neste

caso de um homem preto, sobre uma existência negra. Nossa discussão apresenta um percurso em refletir sobre a literatura infantil afro-brasileira para o afro-letramento. É um texto no qual procuramos mostrar o quanto é importante esta apreciação estética. Assim, tentando atribuir significados, percebemos que se (re)constrói uma trajetória percorrida dando-lhe novas perspectivas (CUNHA, 1997).

O trabalho também apresenta um cunho autobiográfico, na medida que, "põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos." (LOPES, 1995, p. 113). Apoiado nesta ideia apresentamos, "tijolos" da formação docente, nosso trajeto como pedagogo em desenvolvimento.

Dito isto, organizamos o texto em três seções. Na primeira intitulada "Perspectivas da educação para as relações étnico-raciais: apontamentos sobre a Lei 10.639/03", trouxemos alguns aspectos sobre a Lei que estabelece a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas ao longo de toda a Educação Básica e apresenta a Literatura Infantil como uma possibilidade de cumprimento da legislação. Na segunda, "Uma significância da literatura infantil afro-brasileira: noções de Afro-letramento", discutimos a importância de um afro-letramento, derivada da ideia de letramento racial.

Na última seção, intitulada "Uma representação do quilombo do Cabula na obra Bucala", fazemos uma breve análise da obra Bucala de Davi Nunes, em diálogo com a história do quilombo do Cabula, como um exemplo das alternativas de se fazer um resgate da história e a construção de outras narrativas em sala de aula.

Perspectivas da educação para as relações étnico-raciais: apontamentos sobre a Lei 10.639/03

“Living so long without reflection can make you wonder if it truly exists” (Viver tanto sem reflexão pode te fazer pensar se existe verdadeiramente) (BEYONCÉ, 2020, **tradução nossa**)

Nesta primeira seção, pretendemos fazer apontamentos sobre a Lei 10.639/03 e algumas dificuldades de sua implementação, mas também, as possibilidades que ela tem. Na referida lei se inscreve que: “§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras”. (BRASIL, 2003).

Essa lei representou um ganho para os vários movimentos do povo negro, sendo fruto da luta de inúmeros intelectuais negros, como Abdias do Nascimento, Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, entre outros, que na década de oitenta do século XX, apontavam a necessidade de se aprender nas escolas a história da cultura dos negros (pretos e pardos), como uma alternativa de enfrentamento ao racismo e sua superação na sociedade.

A criação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) significou outro avanço, um instrumento de força, para a consciência da cultura negra, visto que havia dificuldades relatadas por professores/as, que alegavam não possuir formação sobre a temática. As diretrizes asseguraram “o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantem igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos os brasileiros”. (BRASIL, 2004, p.10). Mas, além da legislação, é fundamental que se construam materiais de fruição para a sua implantação. De acordo com Flor do Nascimento (2019, p.55), isto é necessário:

para produzirmos percepções plurais de nossas relações com a infância no Brasil, país tão influenciado por imagens ocidentais quanto por imagens advindas do velho continente negro, embora muitas vezes tendamos a não reconhecer a importância dessa última, sobretudo quando pensamos em tratar de nossas crianças, de nossas infâncias, que são herdeiras de múltiplas heranças, mas que têm parte delas negada, ignorada, apagada.

Logo, olhando para as diretrizes e as lutas para implantação da lei 10.639/03, percebemos que é necessário ferramentas estéticas para a sua implementação nas escolas. Entendamos que não se trata meramente de mais uma legislação a cumprir, mas de repertórios

a se pensar infâncias que foram/são invisibilizadas. Neste sentido, reconhecemos a produção da literatura infantil afro-brasileira como uma alternativa para a construção desse movimento dentro e fora da escola.

Em virtude da alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei nº 9.394/1996), pela legislação supracitada, podemos dizer que isto representa um avanço, com relação às questões étnico-raciais. Conforme Gonçalves, “após a promulgação da lei 10.639/03 continuamos, cada vez mais em debates ardentes, as discussões e encaminhamentos para que seus pressupostos se materializem no cotidiano escolar” (2008, p.s/n). Segundo Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2018, p.135),¹

Muita complexidade envolve as relações étnico-raciais na sociedade brasileira e, é claro, não poderia ser diferente, nos ambientes escolares, universitários. Sem dúvida alguma, as políticas públicas estabelecidas pelas Leis 10639/2003 e 11645/2008 criam condições para que discriminações e racismos possam ser superados em escolas e universidades. A primeira foi regulamentada, pelo Conselho Nacional de Educação, respectivamente, por meio do Parecer CNE/CP 3/2004, bem como pela Resolução CNE/CP1/2004 que tratam das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino e cultura Afro-Brasileira e Africana. A segunda o foi, por meio do Parecer CNE/CEB 14/2015 que trata de Diretrizes Operacionais para Implementação da História e das Culturas dos Povos Indígenas na Educação Básica, em decorrência da Lei 11645/2008. O problema não está, portanto, na falta de políticas públicas, tampouco de orientações para implementá-las [...], mas em projeto de sociedade que ainda se faz dominante, projeto esse que tenta eliminar as diferenças étnico-raciais, folclorizar as marcas culturais, sabedoria, conhecimentos, tecnologias que não de raízes europeias.

Diante do exposto, entendemos que a construção de trabalhos artísticos que valorizam e resgatam a história e a memória da cultura africana e afro-brasileira é primordial. Isso “é fundamental para as crianças conhecerem a história de seus antepassados vivos e mortos, o que faz com que em muitas sociedades tradicionais africanas, a educação das crianças tenha como ponto fundamental”. (FLOR DO NASCIMENTO, 2019, p.56).

Neste horizonte, o conceito de *escrivivência* (Evaristo, 2020) dá o panorama de uma escrita que passa pelo “ser”, sobre a experiência de se viver na diáspora e de pensar sobre a origem africana, sobre a marca que é a cor no Brasil. Notamos o quanto as memórias fizeram com que pensássemos sobre a nossa constituição enquanto pesquisador e docente em formação, numa perspectiva de emancipação e humanização ao deslocar e ao mesmo tempo carregar as origens de quem somos. Cunha Paz (2019) afirma que a MemORÍa é:

¹ Para mais informações sobre a situação da Educação para a relações étnico- raciais ver trabalho: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista [online]**. 2018, v. 34, n. 69 [Acessado 18 Julho 2022] , pp. 123-150. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.58097>>. ISSN 0104-4060. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.58097>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Um conceito que pretende se inserir no campo das disputas políticas e das lutas antirracistas tendo em vista que nasceu na diáspora e com bases nas filosofia(s) africana(s) e afro-diaspóricas. Tem suas bases na ontologia e numa metafísica da memória, que também é um campo de disputa política. A ideia de **MemORÍa** como conceito e um esforço político nos lembra que esquecer e lembrar podem não ser escolhas. (p.158, **grifo nosso**).

Deste modo, usufruir de registros que marcam a vida, ao relatar suas memórias, os sujeitos contam o que lhes foi marcante, alegre ou triste, contam o que lhes convém, o que de fato desejam contar ou gostariam de contar. Cunha (1997, p. 186) esclarece: “O fato da pessoa destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer, tem muitos significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos”.

Neste sentido, entendemos que “visitar” (ou refletir) o passado nem sempre é um exercício prazeroso, porém pode contribuir para compreender as circunstâncias do presente e, talvez, projetar as conjunturas do futuro. Rosane Borges (2020) nos diz que “a escrevivência é um princípio conceitual - metodológico com potencial para suportar a narrativa dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história”. (p. 189).

Aqui nós nos percebemos no processo, Freire (1979) apresenta que alguém que toma consciência do seu papel e lugar na sociedade, não se acomoda e quer mudá-la levando a Educação a sua comunidade, ensinando a transgredir o sistema. Ter consciência crítica na relação com outras consciências no mundo é assumir responsabilidades e deveres sobre os sucessos e os fracassos do coletivo, ou seja, é comprometer-se.

Assim, ao longo da formação docente, em contato com a temática étnico-racial surgiram perguntas como: O que foi ser um garoto negro?, O que é ser um homem negro na sociedade moderna?, O que será ser um pedagogo negro? Quais foram as referências de literatura infantil afro-brasileira que tivemos acesso? Nisto, surge o sentimento de conhecer o máximo possível para ser um professor negro, “assim, somos eternamente responsáveis pela história que fazemos, pois é no presente que projetamos os ancestrais que seremos e, também, é nessa eternidade que prestamos conta para os ancestrais que vivem agora e os mortos-viventes”. (FLOR DO NASCIMENTO, 2019, p. 57).

Em nosso processo de humanização e emancipação por meio da educação, começamos a ter noções de classe, de gênero, de orientação sexual, ou seja, conforme Magda Soares (2009), fez-se uma leitura de mundo, por meio do *letramento*. Consequentemente, as informações acerca de preconceitos, estereótipos, rótulos, racismo, machismo, homofobia,

também entram nesse “pacote” de conhecimento. Mas como tratar disso na infância na posição de pedagogo? Esta consciência foi se aprimorando por meio dos estudos e pesquisa, nesse processo, destacamos Nilma Lino Gomes em que afirma

O processo histórico de lutas e conquistas da população negra em prol da educação confere à Lei 10.639/03 e suas diretrizes curriculares nacionais, legitimidade política, pedagógica e densidade participativa. [...] A situação do negro no mercado de trabalho e na educação tomam uma maior amplitude e extrapolam os fóruns da militância negra, transformando-se em práticas efetivas. (GOMES, 2013, p. 48-49).

O acesso à materiais sobre letramento e educação étnico-racial, nos fizeram pensar na afirmação de Gomes que diz:

A Lei 10.639/03 e suas diretrizes curriculares nacionais são fruto de um processo de lutas sociais e não uma dádiva do Estado. Uma política pública voltada para a diversidade étnico-racial precisa reconhecer e dialogar com as lutas históricas da população negra. Uma luta que pode ser considerada repleta de iniciativas e práticas afirmativas, antecessoras e inspiradoras da atual demanda por políticas de ação afirmativa realizada pelo movimento negro nos dias atuais e, aos poucos, implementadas pelo Estado. (GOMES, 2013, p.41).

A pesquisadora destaca a contribuição do movimento negro para a Educação de modo geral, argumentando sobre a importância das lutas em prol da construção da Lei 10.639/03. Neste sentido, Eliane Debus (2017, p. 49) lembra que a lei movimentou, não só a área da educação, mas também o mercado editorial:

As exigências da lei 10.639/2003 culminaram com o florescimento de um nicho mercadológico a partir da necessidade de livros que tematizem e problematizem as questões étnico-raciais, por meio da representação de personagens negras como protagonistas e narrativas que focalizem o continente africano como múltiplo; desfazendo ideias enraizadas como aquelas que trazem as personagens negras em papéis de submissão e/ou retratando o período escravista, bem como a representação do continente africano pelo viés do exótico.

A obrigatoriedade da presença das crianças na escola a partir dos 4 anos de idade, até os 17, emenda incluída na LDB pela Lei nº 12.796, de 2013, faz com que a escola seja um lugar de consumo da literatura infantil afro-brasileira. Essa é uma maneira de fortalecer as crianças negras em relação à sua negritude através de um processo educativo que abrange as crianças e profissionais da educação não negros, ao lhes proporcionar um contato com saberes, conhecimentos e culturas dos povos africanos e afro-brasileiros, que fazem parte da construção histórica do país e tem um vasto arsenal de manifestações culturais, ainda pouco exploradas. Segundo Flor do Nascimento (2019, p.59):

Mais do que a pressuposição de que as crianças são folhas em branco que podem ser preenchidas com o que a comunidade quiser, há a percepção de que elas são a própria expressão desse tempo passado e, portanto, carregam o dever de atualizar essas narrativas. E a memória se encarna nos corpos infantis, não apenas na forma de imagens sensoriais, mas em sons, cheiros, texturas. Os corpos sentem o que lembram. Os sujeitos lembram o que sentem.

E nisto, a literatura infantil se torna além de um caminho possível, um direito humano. Antonio Candido (1995, p.249) afirmou a respeito da literatura e o processo de humanização:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

Nos últimos tempos, a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas (BRASIL, 2003), passou a apresentar escritores/as originárias dessas culturas. Os/as afro-brasileiros/as que se dedicam à escrita infantil são importantes no processo da formação nacional. Cabe destacar que, o termo literatura afro-brasileira é usado por Eliane Debus (2017), para apontar a literatura produzida por afro-brasileiros, ou seja, é uma literatura produzida pelos que têm ancestralidade africana e que nasceram no Brasil, seres da diáspora, a autora acrescenta ainda que é uma:

[...] produção literária para infância e para juventude essa discussão ainda é novidadeira, mas os títulos que circulam no mercado editorial brasileiro estão divididos em três grandes categorias: 1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; 2) literatura afrobrasileira; 3) literatura africana. (DEBUS, 2017, p. 33).

É preciso salientar que a percepção que se tem é que estes escritores que publicam no mercado editorial, segundo as categorias descritas por Debus (2017), extrapolam as discussões de negritude no campo acadêmico, chegando às editoras e publicando obras que alcançam um número expressivo de leitores. Essa é uma questão importante a se destacar, visto que esses livros circulam no meio literário podendo chegar às escolas por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), na parte do programa que contempla livros literários, o PNLD Literário e conseqüentemente as crianças que poderão usufruir do afro-letramento por meio da arte.

Uma significância da literatura infantil afro-brasileira: noções de Afro-letramento

People don't remember who they were, what they were, where they came from, why they tried to make us forget. Remember who you are! (As pessoas não se lembram de quem eram, do que eram, de onde vieram, do motivo para nos tentarem fazer esquecer. Lembra-te de quem tu és!) - (BEYONCÉ, 2020, **tradução nossa**)

O afro-letramento² é colocado como parte de um processo de educação para as relações étnico-raciais. cremos ser necessário uma implementação concreta de elementos da cultura afro-brasileira nas escolas, reconhecendo a sua contribuição para o processo educativo. Não se trata da imposição de uma perspectiva, mas do cumprimento da legislação e da ideia da educação no espaço escolar com perspectivas plurais. Talita de Oliveira (2015, p. 87) afirma que

A concepção plural sobre o letramento aqui defendida remete-nos ao chamado modelo ideológico de letramento [...]. Trata-se de uma perspectiva que define o letramento como um conjunto de práticas plurais intimamente ligadas às estruturas culturais e de poder presentes na sociedade. Ler passa a ser compreendido, assim, como um ato político, como uma forma de ação social.

Situar a arte literária como um meio de se cumprir a prerrogativa da Lei 10.639/03, é entendido na perspectiva de que: “sem nos afetarmos sobre o que aprendemos, o saber de nada adianta, aliás, nem é saber, é mera informação” (FLOR do NASCIMENTO, 2019, p. 29). É neste caminho que pensamos o afro-letramento, em consonância com Aparecida de Jesus Ferreira (2014, p. 250), que traz:

De acordo com Skerrett, “letramento racial tem uma compreensão poderosa e complexa da forma como raça influencia as experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais dos indivíduos e dos grupos” (2011, p. 314). Também Guinier afirma que “letramento racial [...] obriga-nos a repensar raça como um instrumento de controle social, geográfico e econômico de ambos brancos e negros” (2004, p.114). Vale dizer que, para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para refletir sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar em todas as disciplinas do currículo escolar.

Dentro dessa perspectiva, a literatura infantil afro-brasileira ocupa um papel essencial, para pensar o afro-letramento, reconhecendo as construções que temos nesse país com uma população de pessoas negras em maior quantidade fora do continente africano segundo dados

² Indica-se trabalho, que versam sobre a questão racial na Educação Infantil: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), caracterizando como uma diáspora que traz na sua história e manifestações evidenciadas no samba, capoeiras, religiões de matrizes africanas, congada, dentre outros, se coloca esta discussão. As literaturas produzidas por afro-brasileiros, têm registo desde o século XVIII; porém, mais recentemente os livros com linguagem mais direcionadas à infância têm surgido em número considerável e neste trabalho, optamos por tratar apenas de uma destas obras, pensando a importância da memória e da escrevivência e a manifestação de valores civilizatórios negros.

Isto porque, a criança negra, por vezes, está cercada por um mundo que não exalta a cultura afro-brasileira, ou estas não têm os mesmos valores e prestígios que as europeias, isto devido aos processos da colonização e seus desdobramentos. Assim, a criança negra, muitas vezes, não está representada nas culturas que lhe são apresentadas pela literatura infantil. Nisto corre-se um duplo risco, de ela se identificar com a cultura branca, negando os valores da cultura afro e de não se identificar com o que é proposto e se perceber excluída e desvalorizada. Stuart Hall (2006, p. 38) afirma que, “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Nascimento (2017) escreveu que:

Em toda a história dos africanos no Novo Mundo nenhum acontecimento é tão excepcional quanto aquele que se registra no século XVI: a República dos Palmares, verdadeiro estado africano constituído no seio das florestas de Alagoas por rebeldes e fugitivos escravos. Desde 1630 até 1697, a chamada “Troia Negra” resistiu a mais de 27 expedições militares enviadas por Portugal e pelos holandeses, até que finalmente foi destruída pela força mercenária comandada por um bandeirante. Palmares –cuja população, se calcula, chegou à casa das trinta mil pessoas entre homens, mulheres e crianças –possuía uma sociedade organizada com eficaz sistema de produção comunal e de trocas; sua organização defensiva, bem como a liderança política e militar, demonstram notável capacidade. A longa duração de Palmares testemunha a seu favor e a dos seus líderes, o último deles tendo sido o rei Zumbi; representa a primeira e heroica manifestação de amor à liberdade em terras do Brasil. (p.72).

A partir da colocação de Nascimento (2017), lançamos luz a uma outra narrativa, ainda pouco difundida, a da luta do povo negro, as suas conquistas e resistências. Tudo isso é muito importante para se pensar construções identitárias positivas para e pelas crianças negras. A falta de acesso à literatura afro-brasileira infantil deixa marcas na criança negra e no seu processo de construção identitário se não lhe é possível imagens que lhe são de natureza, destacamos que a criança branca se vê representada o tempo todo nos espaços escolares, nos

livros literários e em tantos outros materiais. Jesus³ (2019)⁴ faz um estudo do conceito de letramento racial em diálogo com a literatura infantil afro-brasileira, no qual raça, identidades negras, branquitude, mito da democracia racial e racismo são conceitos analisados à luz de teóricos como Debus, Gomes e Munanga, também utilizados como referência para este trabalho. A pesquisadora e escritora de livros infantis afro-brasileiros, escolheu como metodologia em seu processo a autobiografia, encontramos o conceito de escrevivência, entendendo que o relatado serve de pontos de localização espaço-temporal para compreender o ser em diáspora. A partir de algumas experiências a escritora apresenta questões raciais que a constituem, ela revisita memórias sob uma perspectiva de aquisição dos novos conhecimentos. Ela aponta a literatura infantil afro-brasileira como uma potente ferramenta para introdução ao letramento racial e fortalecimento das identidades negras. Abdias diz:

Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das suas inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha na frente da criação teórico-científica. Há de se consolidar uma teoria científica inextricavelmente fundida à nossa prática histórica que efetivamente contribua à salvação da comunidade negra, a qual vem sendo inexoravelmente exterminada seja pela matança direta da fome, seja pela miscigenação compulsória, seja pela assimilação do negro aos padrões e ideais ilusórios do lucro ocidental (NASCIMENTO, 2019, p. 290-291).

Caso não tenha ocorrido em casa, pensamos ser necessário que nos primeiros contatos das crianças negras com a escola, no seu processo de alfabetização/letramento, seja necessária a introdução ao afro-letramento com livros infantis para que ela também se conheça e se sinta parte do todo. Essa disponibilidade de materiais do negro como protagonista materializa o letramento racial, criando possibilidades, exercendo situações de pertencimento, numa tentativa de diminuir a marca que o racismo deixa nas crianças negras. “Para o restabelecimento da integridade de nossa família – a família africana, no continente e fora dele –, é imprescindível o reforço dos nossos vínculos ideológicos e culturais como condição prévia de nosso sucesso”. (NASCIMENTO, 2019, p.37). Em diálogo ao exposto, acrescenta-se que:

³ Sonia Rosa, como é conhecida no meio literário, uma escritora de livros com personagens e temática étnico-raciais, com uma produção considerável no mercado literário, dentre eles se destaca “O menino Nito”, no qual narra a história de um menino negro, que foi ensinado a engolir o choro e sofre com isso.

⁴ JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de. **A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras**: uma narrativa autobiográfica. Dissertação Mestrado, 2019, CEFET/RJ.

A educação é a ferramenta mais importante na formação dos indivíduos, sendo ela um objeto de transformação social. Portanto, cabe a escola o papel de conscientização de seus educandos a respeito da diversidade cultural. Através do estudo da Cultura e Literatura Afro-Brasileira permitirá ao aluno a construção de seu senso crítico e a reflexão da real condição do negro no Brasil, abrindo espaço para a inclusão e cidadania. (SOUZA; VIEIRA, 2016, p.83).

Nesse sentido, acreditamos que o pedagogo, enquanto professor dos anos iniciais, é um profissional que tem sobre si muitas tarefas. Em sua trajetória acadêmica e profissional é marcado também por muitos desafios e um deles é fazer-se profissional munido de uma prática pedagógica fundamentada na temática étnico-racial. E neste desafio, a abordagem da literatura numa perspectiva de afro-letramento para o letramento racial é importante. Nisto, inclui o seguinte pensamento:

As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão se identificar e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias. As crianças negras alimentarão a imagem de que são inferiores e inadequadas. Crescerão com essa ideia de branqueamento introjetada, achando que só serão aceitas se aproximarem-se dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Rejeitando tudo aquilo que as assemelhe com o universo do negro. (MARIOSIA; REIS, 2011, p.42).

É fundamental que o/a pedagogo/a, enquanto profissional da educação busque a mudança dessas sensações que são produzidas socialmente, visto que a escola é um agente que também produz e reproduz esses padrões, muitas vezes por meio dos livros literários utilizados nas salas de aulas. Nisto, se apresenta a necessidade de o pedagogo ler e interpretar obras cujos protagonistas sejam personagens negros, para que ele faça uma mediação de leitura que também inclua o afro-letramento, pois estas obras, como dito, fomentam a permanência dos afro-brasileiros no mercado livreiro, dialogam sobre a escrevivência, a memória e a história dos seres da diáspora que caracteriza o Brasil.

Uma representação do quilombo do Cabula na obra Bucala

Por menos que conte a história
 Não te esqueço meu povo
 Se Palmares não vive mais
 Faremos Palmares de novo
José Carlos Limeira

Marco Aurélio Luz (2000) traz a perspectiva de que os africanos em diáspora mantêm uma linha de continuidade de certos valores e princípios africanos, que ele chama de *continuum*, e que vão estar presente na constituição e afirmação existencial dos negros no mundo. Segundo o autor “essa identidade negra não se caracteriza apenas pelo *continuum* negro-africano, mas por sua forma própria de reposição no Brasil, desenvolvendo uma forma própria de relações sociais, valores e linguagem características e originais”. (LUZ, 2000, p.32). Logo, ao pensarmos sujeitos que são constituídos por outras vozes e simbologias, essa existência precisa de um outro referencial, aquele em que não exista num contraponto do que falta no saber branco do colonizador, mas em uma outra perspectiva de organização, avaliação e formulação. Abdias Nascimento afirma que:

A cristalização dos nossos conceitos, definições ou princípios deve exprimir a vivência de cultura e de práxis da coletividade negra. Incorporar nossa integridade de ser total, em nosso tempo histórico, enriquecendo e aumentando nossa capacidade de luta. Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos. Sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e sua perspectiva visão de futuro [...]. (NASCIMENTO, 2002, p. 347 e 348).

Na interpretação da obra “*Bucala: a pequena princesa do quilombo do caçula*” de Davi Nunes, percebemos valores civilizatórios muito importantes que estão materializados na representação do movimento quilombola. Esta obra nos remete a questões atinentes ao afro-letramento de que tratamos anteriormente. Como afirma Evaristo (2020):

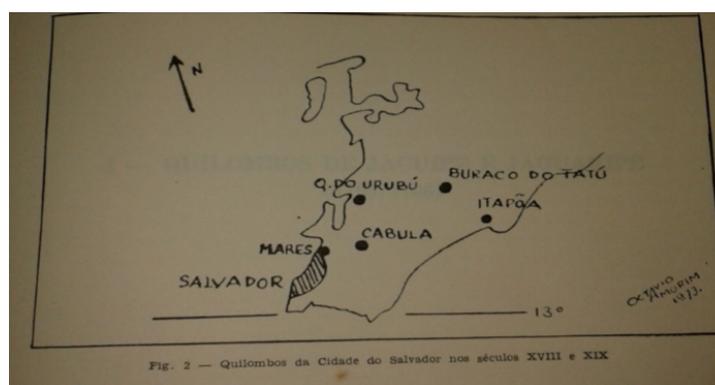
“Escrever é dominar o mundo”, conclui Clarice. Não tenho a experiência de domínio algum. A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrivência nunca foi uma mera coisa. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. (p. 37).

A literatura clássica infantil a que temos acesso no Brasil se refere àquela de bases eurocêntricas - os livros de contos e histórias que mesmo não lendo, todos acabam conhecendo (CALVINO, 2007). Em sociedades que tendem a preservar os valores de grupos hegemônicos, como a brasileira, pode-se verificar como um cânone literário autoritário se apresenta recorrentemente ao público. Nesse sentido, o cânone torna-se também uma contribuição a políticas de ensino. Em outras palavras, atribui-se à escola o dever de dar acesso ao cânone, ainda que ele não represente, como as manifestações populares, a identidade cultural da criança/adolescente/jovens negros/as.

Neste sentido, entendendo que as obras clássicas possuem seu valor histórico, nosso objetivo é uma apresentação sobre a formação da cultura afro-brasileira valores a serem apresentados, e aqui tomamos a importância da literatura infantil afro-brasileira no desenvolvimento de discussões sobre afro-letramento.

É interessante que o escritor Davi Nunes teve “[...] uma infância rica em aventuras, inventou seus próprios brinquedos, tracejou rabiscos em nuvens, invadiu matas escuras, dormiu em esteira de quilombo, espantou mil pesadelos e sonhou com lagarto poeta antes de entrar na vida adulta”, (2019, p/n). Neste trecho é possível notar aspectos semelhantes na vivência da protagonista e de Davi que constrói um narrador em terceira pessoa. Interessante que o escritor faz paralelos entre fatos reais com a história ficcional, pois o quilombo a que se refere existiu na Bahia⁵. 9Figura).

Figura 1. Quilombo do Cabula



Fonte: Livro Os Quilombos Brasileiros do Arquivo Público do Estado da Bahia

⁵ Para um estudo mais aprofundado sobre a história do quilombo do Cabula sugere-se o seguinte trabalho: MARTINS. Luciana Conceição de Almeida. História Pública do quilombo do Cabula: representações de resistências em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária. 311f. il. 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

Pedreira (1973) traz informações sobre as áreas retratadas na figura 1. Segundo ele se constituiu como um espaço de resistência dos povos negros no território baiano.

Os quilombos de Nossa Senhora dos mares e do Cabula, também localizados nos arredores da cidade de Salvador, foram, como os demais de grande importância e periculosidade. Deles tomou conhecimento o então Governador e Capitão General da Bahia, o Conde da Ponte, que de imediato providenciou a sua extinção, mandando, para isso, vir à sua presença, no dia 29 de março de 1807, o Capitão-mor das Entradas e Assaltos do Termo da Cidade do Salvador, Severino da Silva Lessa, ao qual determinou a convocação de uma tropa para a destruição dos referidos núcleos [...]. No dia 30 me requereu 80 homens da Tropa de Linha escolhidos, e bem municados, e com os Oficiais de mato e cabos da polícia que lhe pareceram capazes, se cercaram várias destas casas e arraiais na distância de duas léguas desta cidade para os sítios que se denominaram Nossa Senhora dos Mares e Cabula, e com a fortuna de apreenderem setenta e oito pessoas destes agregados, uns escravos, outros forros, e dois dos principais cabeças; houve alguma resistência e pequenos ferimentos, mas nada que mereça maior atenção. (PEDREIRA, 1983, p.).

Na abertura da obra, temos o texto: “Bucala, a pequena princesa, nasceu há um bom tempo, no centro do quilombo do Cabula. Ela era a menina mais bonita de todo o quilombo e tinha um cabelo crespo, com formato de coroa de rainha” (p.5). Essa construção é tocante à constituição da identidade negra, Munanga (2012) reafirma urgência do protagonismo negro, isto é, o negro entendido como sujeito ativo da construção do nosso país:

Daí a necessidade e importância de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro, apesar das desigualdades raciais resultantes do processo discriminatório. Por isso, no processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial. (MUNANGA, 2012, p. 10-11).

Neusa Santos Souza (1983), destaca que ser construído pelo próprio discurso sobre si é uma forma de produzir autonomia.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades”. (p. 18).

Em outro trecho do livro temos: “Sua mãe se chamava Lacabu, quase toda manhãzinha, aconchegava a princesa entre as pernas - ela trançava o seu cabelo, com carinho,

para formar a **majestade de um reinado em sua cabeça**” (2019, p.6, grifo nosso). Aqui pensamos que é (re) construída uma narrativa, que resgata uma tradição ancestral atrelada ao cuidado entre as mulheres negras (mãe ensina o que sabe a filha) e traz a mensagem pouco difundida sobre os grandes reinos que existiam em vários lugares no continente africano.

Estes também foram preservados com os africanos escravizados que resistiram, se soltaram e formaram os quilombos, verdadeiros reinados, modelos de sociedade organizada na época (MOURA, 1988). A narrativa apresenta uma intenção de preservar valores civilizatórios africanos como a oralidade, por meio da continuação de tradições, por meio das construções de geração para geração e a cooperatividade, que foi um elemento essencial para a manutenção do quilombo como um lugar seguro para as pessoas negras que se libertavam.

Interessante dizer que o livro também faz referências aos "escravocratas" e “capitães do mato” para marcar a presença das perseguições aos negros, mas acaba não sendo o foco da narrativa. Avaliamos que nesta apresentação a intenção do escritor é focar nas potencialidades que existem dentro dos quilombos, em especial ao Quilombo do Cabula, ao qual foi utilizado como inspiração para a escrita da obra.

A protagonista aparece falando com um Ancião “Bem-preto-de-barbicha-bem-branca” (p.xx), aqui se apresenta a importância do contato com os mais velhos nas culturas africanas, o valor da ancestralidade, do respeito aos que vieram antes, sendo um valor civilizatório africano primordial: “Ela ficava encantada com o que o velho sábio lhe ensinava”. (NUNES, p.17). Este elemento é uma das formas diretas de ligação com o passado, podemos dizer que este contexto da obra mostra para os leitores referências de memória com os antepassados, a valorização dos mais velhos e ressalta também o valor da história oral.

O texto ainda apresenta nas construções frases como: “levar a pequena ao céu”; “beijar a deusa celeste”; “Bucala voava”, a menina é apresentada passeando pelo quilombo, montada em uma onça sussuarana, nadando no rio com entidades, voando no “Pássaro-preto”, fazendo o “quilombo ficar invisível aos olhos dos homens perigosos”. (p.18) que Bucala possui superpoderes, e está associada com a realeza e as forças maiores. O cenário posto pela escrita literária, traz elementos simbólicos a respeito da história e cultura africana e afro-brasileira, em especial a perspectiva da vivência no quilombo. A obra apresenta um contraponto àquelas em que os quilombos são apenas os lugares para os africanos escravizados.

A origem dos nomes dos personagens está relacionada com o nome do quilombo do Cabula, em uma atitude lúdica de Davi Nunes: “Bucala”, “Lacabu” e “Calabu”. Isto traz um

sentimento de pertencimento, visto que as palavras têm relação com a comunidade de que trata. Assim, nesta obra:

Pensar uma categoria de memória como um exercício de um lembrar negro do negro, que permita aos negros e negras se refazerem para além das dores, das chagas, marcas e traumas da colonização e do escravismo, isto é, reconstruir a si mesmo. Memória como um lembrar de si, um narrar a si mesmo, compreendendo a escrita de si como estratégia de movimentar-se ancestralmente para além da dor, mas sem negá-la, sem obliterá-la das linhas escritas, faladas ou performadas. (PESSANHA; PAZ; SARAIVA, 2019. p.162).

Para além de registros, que possuem uma narrativa, que vem sendo questionada, diante do exposto por Pessanha, Paz e Saraiva (2019), é essencial a construção de memórias, desde cedo, essas que vão ao encontro das narrativas dos próprios afro-brasileiros. A memória desses territórios representa espaços de trocas compartilhadas em comunidade para legitimar sua identidade grupal (MUNANGA, 1988). Diante dessas considerações, a literatura infantil afro-brasileira tem um papel primordial na missão de (re)construção de memórias, histórias e narrativas sobre as pessoas negras dentro da diáspora.

O contexto em que a obra Bucala está inserida, transmite aconchego e afetividade, sentimentos que estão presentes na interação que ocorre entre as pessoas e entre as pessoas e a natureza que as cerca.

Parece-nos, que Palmares teve todas ou pelo menos as principais condições de ser uma nação, possivelmente independente, ou componente do país que se formava, se esses chamados civilizados (os colonizadores) não tivessem mobilizado contra ela todo o seu arsenal repressor e deixassem a República palmarina desenvolver as suas instituições internas, as suas forças produtivas e aprimorar a sua dinâmica econômica e social pacificamente. (MOURA, 1988b, p. 181-182).

Bucala é uma obra que trata de uma criança e sua relação com a mãe, o pai, com pessoas mais velhas e a natureza. Assim, notamos que a obra apresenta o protagonismo negro, e mais atende, ao que está disposto na lei 10.639/03, ao apresentar uma narrativa que valoriza uma parte da história e cultura afro-brasileira e africana, na medida que discorre sobre as lutas dos movimentos quilombolas na diáspora. O livro possui um caráter educativo, ao poder ser tratado de forma interdisciplinar, podendo ser utilizado para versar sobre diferentes áreas como história, língua portuguesa, geografia etc, mas sobretudo é uma manifestação de escrivência e de memória do povo preto.

Considerações Finais

“Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!”

Frantz Fanon

A expressão do sujeito pode ser encontrada na escrita de um trabalho de conclusão de curso, o trabalho acadêmico também revela uma *Escrita de Si*, uma prática que sendo convencido da necessidade e a importância em fazê-lo oportuniza “novas vozes da narrativa”. Segundo Galas Araújo (2011) “A escrita de si – termo que caracteriza a narrativa em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como o autor biográfico, mas vive situações que podem ser ficcionais – se delinea como um exercício literário típico da modernidade [...]”. (p.8). A Escrita de si é constante, muda a cada conhecimento novo que se adquire, assim, na escrita deste trabalho, entendendo a escrevivência como caminho metodológico para este texto e reconhecemos acontecimentos passados pessoais e coletivos.

É uma aposta de construção acadêmica que buscou um processo de produção subjetiva e de autonomia, para além das referências de uma formação humana sem referências conscientes da relevância da negritude. Neste trabalho, procuramos adensar relatos sobre uma experiência negra no mundo, que não está aberta a ser catalogada, e esmiuçada por uma perspectiva que não abranja as potencialidades, e as forças atuantes nesse processo de um resgatar-se e recriar-se de um corpo preto.

No PIBID revivemos o contato com a literatura, agora uma em que nos reconhecemos, atendendo à proposta do subprojeto da Pedagogia. Fizemos das obras de literatura infantil afro-brasileiras alternativas para o cumprimento da lei 10.639/03 e valorização de si. Percebemos que a lei, mesmo com as diretrizes, é pouco explorada. Desse modo, reconhecer o percurso de luta em prol da implantação da lei 10.639/03, passa por elencar as dificuldades, porém sugerir e explorar as potencialidades das obras de literatura infantil afro-brasileira.

O PIBID foi uma oportunidade de se problematizar situações vivenciadas durante as aulas de disciplinas do curso de Pedagogia, dialogando com as experiências que as professoras regentes utilizam em sala de aula e conhecimentos mais atualizados que os bolsistas trazem da universidade, provocando uma formação inicial crítica aos licenciandos, ao mesmo tempo que se refletiu em formação continuada das professoras regentes.

Pensar uma alfabetização na perspectiva da Educação para as relações étnico-raciais, implica para nós estar atento às questões referentes à construção da identidade negra desde a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. A lei 10.639/03 foi uma conquista

na luta por esse objetivo e a sugestão da própria legislação pelo uso da literatura como maneira de cumpri-la, é posta neste trabalho como uma possibilidade para a sala de aula, para que as escolas (re)construam a história e memória da cultura africana e afro-brasileira, apresentando narrativas da literatura infantil afro-brasileira que muito têm a contribuir com a formação do ser humano.

A noção de afro-letramento parte de uma interpretação da ideia de letramento racial, ou seja, para além do processo de alfabetização, é importante que a criança aprenda a “ler o mundo”. A criança negra na sua construção identitária, na escola, pela literatura infantil afro-brasileira terá acesso a memórias e escrevivências, terá referências que, possivelmente, se aproximam da sua realidade racial e social. Porém, mais do que entender o mundo à sua volta, é fundamental fruir, se reconhecer como protagonista e autor de um processo. É importante que se sinta valorizada.

Por fim, o estudo da obra *Bucala*, mesmo que breve, em diálogo com a história do Quilombo do Cabula, traz um exemplo de como uma obra de literatura infantil afro-brasileira traz a história e memória dos afro-brasileiros. Essa obra é uma demonstração de como é possível a (re) construção de uma história em sala de aula, ativando o imaginário infantil, valorizando as crianças negras, educando as não negras, sobre a riqueza da cultura que o país possui. Aqui aprendemos sobre a resistência que manteve vivas histórias, memórias e narrativas que expressam as nossas potencialidades. Não somos só dor, somos mais que isso, nós somos potências! E essas assertivas devem fazer parte das questões abordadas em sala de aula!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira**. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...] para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Acesso em 11 out. 2019.

BRASIL. Resolução CNE/CP.1/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnicas raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>> . Acesso em: 15 out. 2021.

BORGES, Rosane. Escrivências em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. **In. Escritas de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 182-205.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA PAZ, Francisco Phelipe. MemORÍa, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo. **Revista Problemata:R. Intern. Fil.** V. 10. n. 2 (2019), p. 147-166. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49127>. Acesso em: 25 mai. 2022.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** [online]. 1997, vol.23, n.1-2, pp.-. ISSN 0102-2555. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>. Acesso em: 25 mar. 2022.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, p. 236-263, 2014. Disponível em: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/07/TEORIA-RACIAL-CR%C3%8DTICA-E-LETRAMENTO-RACIAL-CR%C3%8DTICO.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2022.

FREIRE, Paulo. A Educação e o processo de mudança social. **In: Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GALVÃO, Mary Lúcia Souto et al. Memórias de saberes tradicionais no antigo quilombo Cabula (Salvador – Bahia): percursos entre narrativas de parto. **Revista Encantar**, v. 1, n. 1, p. 28-43, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8081>. Acesso em: 14 jul. 2022.

GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. **Congada e a Pedagogia Iniciática: Dois casos no Município de Ituiutaba (MG)**. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2013.

GOMES, Nilma Lino. Limites e possibilidades da implementação da lei 10.639/03 no contexto das políticas públicas em educação. In: DE PAULA, M.; HERINGER, R. (org.). **Caminhos convergentes: estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013. Disponível em: <<http://flacso.redelivre.org.br/files/2013/02/1012.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2018.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador: Centro. Editorial e Didático da UFBA, Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, 2000.

MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. In: **Revista Estação Literária**. V.8, p.42-53, dezembro de 2011. Disponível em: www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Interação e aprendizagem de leitura em sala de aula de língua estrangeira e materna na escola pública. In: MOITA LOPES, L. P. da; MOLICCA, M. C. (org.). **Espaços e interfaces da lingüística e da linguística aplicada**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. (Cadernos Pedagógicos, 17).

MOTA, Flávio Oliveira; FREITAS, Breno Braga de Souza. Uma busca pela identidade cultural de origem quilombola na região do Cabula em Salvador-Bahia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 7., 2014, Vitória. **Anais eletrônicos** [...] Vitória: CBG,

2014. Disponível em:

http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404308321_ARQUIVO_ArtigodaCBG.pdf
.Acesso em: 04 jul. 2022.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988b.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, Goiânia: ABPN, v. 4, n. 8, p. 6-14, jul./out. 2012. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo2210272-negritude-e-identidade-negra-ou-afrodescendent-e-um-racismo-ao-avesso. Acesso em: 04 abr. 2022.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Entre apostas e heranças: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: NEFI, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NUNES, Davi. **Bucala: a pequena princesa do Quilombo do Cabula**. Ilustrações: Daniel Santana. Salvador: Malê, 2019.

OLIVEIRA, Talita de. Letramento(s), relações étnico-raciais e a iniciação científica para o ensino médio: a relação entre a produção de conhecimento e a transformação do espaço escolar. **Revista ABPN**, v. 7, n. 17, p. 82-101, jul./out. 2015. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo2210022-letramentos-rela%C3%A7%C3%B5es-%C3%A9tnico-raciais-e-a-inicia%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-para-o-ensino-m%C3%A9dio-a-rela%C3%A7%C3%A3o-entre-a-produ%C3%A7%C3%A3o-de-conhecimento-e-a-transf%C3%A7%C3%A3o-do-esp%C3%A7o-escolar. Acesso em: 04 abr. 2022.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Os quilombos brasileiros** – Departamento de Cultura da SMEC, Arquivo Público do Estado da Bahia – Salvador, 1973.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo; PAZ, Francisco Phelipe Cunha; SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. Na travessia o negro se desfaz: vida, morte e memÓria, possíveis leituras a partir de uma filosofia africana e afrodiaspórica. *Voluntas*, Santa Maria, v. 10, p. 110-127, set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39949>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Gabriela Alves de Oliveira; VIEIRA, Wellington Neves. **O ensino da literatura afro-brasileira como objeto de transformação social**. Anais do Festival Literário de Paulo Afonso-FLIPA. Bahia, 2016 .

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.